

A Farmácia de Rochinha

Até perto do final da década de 1980, nas cidades do interior, a farmácia além da medicação e do atendimento do “farmacêutico,” era um ponto de encontro para todo tipo de conversa. Em São José do Egito, vale do Pajeú pernambucano, as duas farmácias eram localizadas na rua da casa dos meus pais, onde morei até meus 21 anos de idade. Logo após a loja de tecido de João Batista, vizinha da casa dos meus pais, tinha a farmácia de Rochinha, e após alguns poucos imóveis, ficava localizada a farmácia de Inácio Neri que até hoje existe, sendo administrada pela família.

Rochinha e Carminha eram padrinhos Paulo Adriano, meu irmão caçula. Então, diante desse grau de confiança que era levado muito a sério no século passado, a afinidade entre os compadres e comadres gerava quase um grau de “parentesco”. As amizades enraizadas por uma longa trajetória de famílias que tinham valores comuns eram o sustentáculo para uma boa convivência e o compartilhar do que era importante para vida.

No período citado, São José do Egito só tinha um hospital que, na verdade, era uma maternidade. No entanto, o atendimento médico hospitalar ia além do puramente maternal. A cidade dispunha de poucos médicos, pelo motivo da quantidade baixa que se formava e por causa de a cidade ficar muito longe dos centros desenvolvidos, contribuindo assim, para o pouco interesse dos jovens médicos recém formados irem morar numa cidade a 420 km do Recife. Diante disso, e sem os rigores da lei de fiscalização sanitária de hoje em dia, o farmacêutico era o médico da família, pois estava mais próximo da população devido a farmácia ser um espaço de convivência social.

Lembro bem, no meu tempo de infância e adolescência, brincando na rua e vendo o movimento das pessoas que entravam e saíam da farmácia e as que lá ficavam dando o plantão da boa conversa. Como na sapataria do meu pai, os assuntos na farmácia iam dos acontecimentos corriqueiros da cidade, dos sítios, até assuntos a nível nacional e internacional, mas especificamente sobre a segunda guerra mundial, pois os ecos da maior violência contra a vida ainda estavam muito presentes na mente das pessoas.

Minha mãe Rita Leite tinha uma confiança muito grande em Rochinha com relação a medicar todos nós. Que eu me lembro, ninguém lá em casa por

problemas na saúde foi ao hospital-maternidade a procura de ser atendido por algum médico. Quando alguém adoecia, se pudesse sair de casa, ia para a farmácia, ou então, não podendo, Rochinha ia lá em casa atender e depois indicar o medicamento ou aplicar uma injeção, caso fosse necessário. Não me vem a recordação de algum de nós adoecer e Rochinha não acertar na indicação do remédio e o estado de saúde não ser restabelecido, valendo lembrar que as doenças não eram tão complexas como as de hoje em dia.

Um fato curioso se passou uma vez. Meu irmão mais velho, apelidado de Quinca foi pescar no rio, nas margens do roçado da gente, e por desleixo, ao puxar a vara com muita força, pensando ser uma enorme traíra, o anzol em velocidade ao sair da água foi direto para o rosto, furando o lábio inferior até entrar a barbela totalmente. Depois do acontecido ele correu para casa segurando a vara e chorando muito. Minha mãe na mesma hora correu com ele para farmácia, e na agonia da dor no meu irmão, preocupada, minha mãe não se ateu para cortar a linha, e haja a vara derrubar os medicamentos da prateleira. Rochinha na sua calma disse, comadre né melhor cortar a linha para eu tirar o anzol, pois com a vara está complicado.

Rochinha era muito calmo, paciente e ético, pois a convivência e o atendimento na farmácia exigiam cautela e discrição, e por isso, ele mostrava-se como uma pessoa de confiança, de respeito e de segurança. Os idos anos citados marcaram a vida de muitas pessoas. Quando estou em São José do Egito e olho para o local me lembro da farmácia e de Rochinha atendendo os fregueses com muita simpatia.

A última vez em que fui a São José do Egito me assustei quando vi onde era a farmácia de Rochinha, o imóvel com uma cor fúnebre e um letreiro anunciando, *Clube do Tiro*. Fiquei triste ao ver o outrora local que era um espaço de convivência social, das boas conversas, dos encontros de amigos e que funcionou durante décadas como um comércio dedicado a recuperação da saúde e ao bem estar da população, ser transformado num local mórbido, sórdido de culto a violência onde a lógica é a arma de fogo, a qual só tem uma função, matar seres humanos.

Muitas coisas saudáveis, importantes, de convivência social e cultural em São José do Egito entraram em decadência, e a cidade hoje apática de vida, tem um alto grau de alcoolismo e a alienação de uma politicagem local. O mundo

mudou, e a atual sociedade da impessoalidade mais doente não tem mais tempo para as conversas em locais como as farmácias, as sapatarias e outros estabelecimentos comerciais. Personagens como Rochinha, meu pai, minha mãe desceram no rio da estória que a história oficial não considera importante. Porém, em mentes ainda vivas, como a minha, as cenas da vida cotidiana da São José dos anos 60, 70 e 80 ainda passam nas nossas telas memoriais, como se o filósofo Paul Ricoeur nos alertasse para termos cuidado com os aspectos da “*História, da Memória e do Esquecimento*”.

Gilmar Leite Ferreira